

DOCUMENTO	
Documentação	
Fonte	Jornal Pessoal
Data	18-30/11/99 Pg 7
Class.	1849

De índio

Poucos cargos federais têm sido mais bem preenchidos nos últimos tempos (com intervalos pavorosos, é certo) do que a presidência da Funai, a Fundação Nacional do Índio. Por lá já passaram sertanistas de primeira linha, como Apoena Meireles e Sidney Possuelo, e ativistas dos direitos dos índios, como Márcio Santilli. Mas a permanência é desproporcionalmente inversa ao currículo de alguns dos ocupantes do cargo. Márcio Lacerda, depois de oito meses, cedeu o lugar a Carlos Frederico Marés, que tomou posse nesta semana.

O paranaense Marés é um cidadão decente. Tem uma longa vida profissional dedicada ao direito, com especial atenção ao direito dos índios. A última vez que nos encontramos foi em 1990, em Paris, na sessão do Tribunal Permanente dos Povos dedicada à Amazônia. Depois que fiz minha intervenção, Marés, agoniado, veio me fazer um pedido: "Não use essa expressão, amazônida. Somos de um mesmo país, todos nós brasileiros. O que é esse negócio de amazônida?".

Não partilhei, é claro, dessa visão, mas respeitei o ponto de vista desse brasileiro do Paraná, que não vê a necessidade – nem a motivação – para considerar-se distinto dos demais brasileiros. Não sei se essa forma de encarar o país vai ajudá-lo a bem desempenhar a função e a permanecer no cargo por tempo condizente com sua biografia. Mas, se não der certo, a Marés deverá restar o consolo de não ter contribuído para o insucesso. Daqui, espero que dê certo. Ao menos para que os índios brasileiros não se sintam importantes à maneira (nada convencional) de Alice no país das maravilhas.